



Universidade Federal do Amapá
Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa
Curso de Mídias na Educação
Especialização em Mídias na Educação

**TV ESCOLA: sua função e objetivos no processo de
aprendizagem dos alunos**

Macapá – AP
2012

AMIRALDO SILVA DOS SANTOS

**TV ESCOLA: sua função e objetivos no processo de
aprendizagem dos alunos**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao curso de pós-graduação em nível
de Especialização em Mídias na Educação, da
Universidade Federal do Amapá, como requisito
para obtenção do Grau de Especialista, sob
orientação do Profº Msc. Antônio Rangel Costa.

Macapá – AP
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

TÍTULO DO TRABALHO: TV Escola: sua função e objetivos no processo de aprendizagem dos alunos

AUTOR: Amiraldo Silva dos Santos

Defesa em: **09/10/2012**

Conceito obtido: **10,0**

Banca Examinadora

Prof. Msc. Antonio Rangel da Costa

Orientador

Prof. Msc. Rafael Pontes Lima

Membro da Banca

Prof. Dr. Agripino Alves Luz Júnior

Membro da Banca

Dedico este trabalho aos que se descobrem inacabados, e conscientes desta inconclusão partem em busca da mudança e da transformação da realidade em que vivem.

In memoriam a minha adorável mãe, Eliete Silva, que construiu quem eu sou, a dona Deusuite Ferreira, minha sogra, minha segunda mãe, uma pessoa incomparável e a um eterno amigo, Oracildo Lobato, minha referência paterna.

AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos Lucas, Emanuelle e Arielle Santos, por serem o sentido da minha vida e o motivo do meu amor incondicional por eles.

A minha esposa, Deusuite Lima, a qual sou grato por estar sempre participando da minha vida, pois todos estes anos contigo serviram para que eu veja a cada dia que te amo muito e este amor não para de crescer.

Ao professor Msc. Antonio Rangel, meu tutor e orientador, por fazer do aprendizado não um trabalho, mas um contentamento. Por me ajudar a descobrir o que fazer de melhor e, assim, fazê-lo cada vez melhor. E por possibilitar-me a resolver o que achava complicado.

E, acima de todos eles, **DEUS**, que não escolhe os capacitados, mas capacita os escolhidos.

“No mundo moderno, a aprendizagem mais importante, do ponto de vista social, é aquela que consiste em conhecer bem como ele funciona e que permite ao sujeito estar constantemente disposto a experimentar e assimilar o processo de mudança”.

(CARL ROGERS)

RESUMO

O conteúdo deste estudo intitulado “TV Escola: sua função e objetivos no processo de aprendizagem dos alunos” traz como tema Mídias – Novas Práticas de Ensino através de vídeos e, como objeto de estudo TV Escola/Processo de Aprendizagem, é resultado de um estudo de caso e envolveu pesquisa na literatura específica e levantamento de dados empíricos. Na pesquisa bibliográfica referenciou-se autores como Paulo Freire, Manoel Moran e Libâneo. Os objetivos da pesquisa foram analisar como os educadores da escola fazem o paralelismo entre os programas da TV Escola e o cotidiano dos educandos; identificar quais articulações que os educadores da escola realizam entre o vídeo assistido com os conteúdos curriculares. Os procedimentos metodológicos envolveram observações e entrevistas cujo foco foi a prática educativa de um grupo de 04 (quatro) professores do 4º e 5º Ano. As questões, que nortearam a pesquisa, partiram de indagações como na prática educativa docente como está sendo feito o uso da TV escola? De que maneira acontece a interação dessa mídia em sala de aula? Quais as principais dificuldades dos educadores com a TV Escola? E, como os educadores articulam os conteúdos curriculares com essa mídia? Concluiu-se que, os resultados desse estudo mostram que ainda há necessidade de se aprofundar a discussão sobre o ensino do conteúdo curricular associado ao uso da TV escola.

PALAVRAS-CHAVE: Prática Educativa; TV/Vídeo; Mídias; Formação Continuada.

ABSTRACT

The contents of this paper titled “School TV: its role and objectives in the learning process of students” brings the theme Media - New Practice Teaching through videos and TV as an object of study School / Learning Process, is the result of a study case and involved in specific literature search and survey of empirical data. In literature referenced to authors like Paulo Freire, Manuel Moran and Libâneo. The research objectives were to analyze how educators make the school a parallel between programs and TV School of the daily lives of students; identify joints that educators place between the school watched the video with the curriculum. The methodological procedures involved observations and interviews focused on was the educational practice of a group of four (04) teachers from the 4th and 5th Year issues, which guided the research, left questions as in educational practice teaching as is being done using TV school? How happens this media interaction in the classroom? What are the main difficulties of school educators with the TV? And as educators articulate the curriculum with this media? It was concluded that the results of this study show that there is still need for further discussion on the teaching of curriculum content associated with the use of TV school.

KEY-WORDS: Educational Practice, TV / Video, Media, Continuing Education

SUMÁRIO

RESUMO	07
APRESENTAÇÃO	10
CAPÍTULO I – A TV E O VÍDEO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO ----	13
CAPÍTULO II – TV E VÍDEO: DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR	20
CAPÍTULO III – ESCOLA E REALIDADE: PRÁXIS POR MEIO DA PESQUISA -	29
CAPÍTULO IV – A TV E O VÍDEO NA SALA DE AULA	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICE	58

APRESENTAÇÃO

O Programa TV Escola surgiu como um recurso pedagógico para fazer da escola um espaço de aprendizagem dinâmico e prazeroso, além de democratizar o saber e estimular mudanças de mentalidade de educadores e educandos. Lançado no Brasil em 1996 pela Secretaria de Educação à Distância (SEED/MEC), com o envio de um kit tecnológico para as escolas públicas com mais de 100 alunos, composto por equipamentos como televisor, videocassete, antena parabólica, receptor de satélite e 10 fitas VHS para a gravação de programas veiculados. A programação era transmitida via Satélite de Comunicação Brasil Sat-I para todo país em canal aberto.

Os vídeos da TV Escola abrangem as áreas disciplinares e transversais dos níveis fundamental e médio, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's (proposta de política educacional do Ministério da Educação-MEC), possibilitando uma revisão e reconstrução das práticas educativas. Nesse contexto, abre-se ao professor um leque de oportunidades para melhorar e dinamizar o processo de ensino-aprendizagem, pois o ensino através dos vídeos pode ser relacionado à interpretação e compreensão do conhecimento nas ações do cotidiano dos educandos, desde que sejam planejadas e não utilizados à sua guisa.

Foi com interesse em verificar como os professores fazem o uso da TV Escola, em suas aulas e se os recursos audiovisuais (como a TV e o vídeo) supri as necessidades pedagógicas tão necessárias para o desenvolvimento cognitivo e para formação de cidadãos críticos, que entrevistei um grupo de professores. Partindo desse pressuposto resolvi realizar este estudo intitulado “TV ESCOLA: sua função e objetivos no processo de aprendizagem dos alunos” cuja temática é Mídias – Novas práticas de ensino através de vídeos.

O conteúdo deste estudo tem como base uma pesquisa do tipo estudo de caso, consulta e estudo bibliográfico onde cita-se os escritos de Paulo Freire (2006-2008), Manoel Moran (2012), José Carlos Libâneo (2008) entre outros autores. Há também, levantamento de dados empíricos, usando instrumentos

de coletas como observações (em sala de aula e na sala ambiente da TV Escola) e entrevistas (com formulário sobre questões diretas) cujos roteiros exploraram o uso da TV Escola em consonância com a prática educativa de um grupo de 04 (quatro) professores entrevistados na escola em pesquisa, sendo dois de cada ano (4º e 5º Ano) do ensino fundamental de nove (09) anos.

Haveria ainda, uma oficina cuja finalidade era orientar os professores entrevistados quanto ao uso adequado da TV Escola em suas práticas cotidianas, mas infelizmente, em razão da greve da educação em nosso estado que se estendeu até o final do primeiro semestre do ano em curso não foi possível realizá-la.

As ideias expostas neste estudo de forma provocativa, corajosa e esperançosa, tratam das questões que no dia-a-dia do professor continuam a instigar o conflito e o debate entre os profissionais da educação sobre as novas tecnologias no processo de aprendizagem. A pesquisa foi realizada com o objetivo de analisar como os educadores da escola Denise de Melo fazem o paralelismo entre os programas da TV Escola e o cotidiano dos educandos e identificar quais as articulações que os educadores da escola realizam entre o vídeo assistido na sala ambiente da TV Escola com os conteúdos curriculares.

Para tornar mais compreensivo esse estudo há algumas indagações norteadoras como 1) Na prática docente como está sendo feito o uso da TV Escola? 2) De que maneira acontece a interação dessa mídia em sala de aula? 3) O educador respeita a aprendizagem dos alunos ao utilizar a TV Escola ou apenas a utiliza como passatempo? 4) Quais as principais dificuldades dos educadores com a utilização da TV Escola? 5) Como educadores articulam os conteúdos curriculares com o uso da TV Escola?

Em linhas gerais, o estudo apresenta importante relevância pessoal, social e científico-acadêmica. Como relevância pessoal, possibilitou-me repensar minha própria prática educativa com objetivo de valorizar as novas maneiras de ensinar com as tecnologias como a TV e o vídeo, associando-os aos conteúdos curriculares através de atividades em sala de aula. Como relevância social, por pretender contribuir para a elaboração de propostas

pedagógicas que possibilitem enfrentar e buscar soluções e/ou alternativas para os problemas decorrentes no campo político-pedagógico e social.

E, como relevância acadêmico-científica, por somar com a produção do curso de especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, além de propiciar aos leitores reflexões na tentativa de ajudá-los e/ou orientá-los no processo de conscientização sobre a prática educativa docente, a fim de torná-la mais conscientizadora, possibilitando a construção mútua do conhecimento (entre professores e alunos), bem como de uma visão global, crítica, criativa, autônoma e democrática para uma possível transformação da realidade da vida cotidiana.

O texto encontra-se organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, consta uma abordagem sobre o uso da TV e do vídeo como recursos pedagógicos na formação do conhecimento. O segundo capítulo, enfatiza os desafios vivenciados pelos educadores como a utilização de tecnologias no processo de aprendizagem, bem como a busca de sua formação continuada.

No terceiro capítulo, há um esclarecimento do pesquisador sobre categorias presentes no texto como realidade, teoria, prática, escola e prática educativa, além de apresentar a exposição dos dados da pesquisa, constando comentários dos professores entrevistados, confrontados com o que os teóricos afirmam em suas obras. Já no último capítulo, destaca-se a importância da TV e do vídeo em sala de aula no desenvolvimento da criticidade, da autonomia e da democracia dos educandos na construção do conhecimento.

Cabe notar, que a TV Escola é uma ferramenta rica que possibilita motivações para a construção de aprendizagens significativas, contribuindo, assim, para uma práxis mais dinâmica e participativa.

CAPÍTULO I – A TV E O VÍDEO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Com os grandes avanços tecnológicos, bem como a inserção do computador e da internet nas escolas, acabamos deixando de lado a televisão e o vídeo, pois os consideramos retrógrados sem muita importância no cotidiano escolar. Mas, não podemos esquecer as possibilidades que a TV e o vídeo desempenham na aquisição de competências e habilidades objetivadas no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Moran (2012, p.13),

A televisão, o cinema e o vídeo - os meios de comunicação audiovisuais - desempenham, indiretamente, um papel educacional relevante. Passam-nos continuamente informações, interpretadas; mostram-nos modelos de comportamento, ensinam-nos linguagens coloquiais e multimídia e privilegiam alguns valores em detrimento de outros.

Nesse contexto, podemos asserçar que a TV e o vídeo como recursos pedagógicos em nossas aulas, estimulam cada vez mais o aprendizado e estabelecem “pontes” entre uma nova informação e a bagagem de conhecimentos dos alunos, como afirmam Queiroz e Carmona (2006).

Por isso, necessitamos de mudanças em nossas práticas educativas, através de novos conhecimentos, uma vez que os processos comunicacionais estão cada vez mais acelerados e presentes em nossa sociedade. O que nos leva a uma busca pela nossa formação continuada que permite e nos possibilita repensar a educação não de forma verticalizada, mas, sobretudo horizontal, onde possamos estar em constante troca de conhecimentos, pois como já dizia Freire (2006b, p. 68), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

É assim que devemos perceber a educação uma constante e permanente troca de conhecimentos que podemos nos apropriar e fazer o uso

das informações, filtrando-as de acordo com as necessidades, pois ninguém é dono da verdade e esta deve ser mediatizada por todos que a têm.

Vale notar, que atualmente nossos alunos vivenciam um mundo totalmente diferente de algum tempo atrás, onde as informações eram repassadas diretamente dos livros, tornando a educação livresca e verticalizada e o conhecimento limitado. Todavia, uma nova geração midiática chega às escolas como forma de inovação no ato de aprender e ensinar algo que lhe seja atraente, significativo, uma vez que já estão conectados no celular, nos videogames de última geração, na internet e já nascem telespectadores. Nesse contexto, historicamente,

[...] A escola surge como um antídoto à ignorância [...]. Seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizá-los logicamente. O mestre-escola será o artífice dessa grande obra. (SAVIANI, 2008, p. 18)

Partindo desse pressuposto, a escola tem o desafio de educar essa nova geração, com a televisão e o vídeo na sala de aula, como geradores de polêmicas, motivadores e informadores, segundo Santos (2010). Vale lembrar que, independentemente das novas tecnologias de informação e comunicação – tic's, é preciso resgatar o uso adequado da TV e do vídeo no cotidiano escolar como maneira simples de ampliar os conhecimentos dos educandos.

É sabido que a transmissão do conhecimento sempre foi gerenciada pelo professor, onde centralizava o saber que transmitia aos educandos de forma verticalizada. Essa ação educativa Freire (2006c, p. 38), convencionou chamar de “Educação Bancária”, processo em que o educando recebe passivamente os conhecimentos, tornando-se um depósito das informações transmitidas pelo educador, como mostra a reflexão do autor,

A consciência bancária 'pensa que quanto mais se dá mais se sabe'. Mas a experiência revela que com este sistema só se formam indivíduos medíocres, porque não há estímulo para a criação. Por outro lado, quem aparece como criador é um inadaptável e deve nivelar-se aos medíocres. (FREIRE, 2006c, p. 38)

Por criticarem essa prática educativa exaustivamente é que se busca novas propostas pedagógicas capazes de extirpar essa pedagogia tradicional, elidindo a visão ingênua da realidade e, por sua vez, construindo uma visão crítica acerca da realidade educacional e social, pois

Somente uma escola centrada democraticamente no seu educando e na sua comunidade local, vivendo as circunstâncias, integrada com seus problemas, levará os seus estudantes a uma nova postura diante dos problemas de seu contexto [...]. (FREIRE apud: FREIRE e GUIMARÃES, 2005, p. 37)

Nesse sentido, o que se pretende exatamente de uma escola é que ela não seja apenas um lugar onde o educador exponha o saber e os educandos sigam atentamente as lições, mas, sobretudo, um lugar onde estes possam conhecer, ampliar, (re) criar, (re) produzir seus próprios conhecimentos.

Dessa maneira o educador deixa de ser o “dono da verdade” e passa a ser, segundo Saviani (2008), “um estimulador e orientador da aprendizagem”, cuja iniciativa principal caberia aos próprios educandos ao final de uma programação com o uso da TV e do vídeo. A TV Escola então, seria um instrumento pedagógico e objeto de estudo a mais onde a construção do conhecimento pode acontecer.

Segundo Cortella (2011, p. 85),

[...], uma das questões cruciais para as nossas práticas pedagógicas é a concepção sobre o conhecimento dentro da sala de aula; no mais das vezes, o conhecimento é entendido como algo acabado, pronto, encerrado em si mesmo, sem conexão com sua produção histórica.

A sala de aula, bem como os demais ambientes escolares (TV Escola, Sala de Leitura, Laboratório de Informática - LIED,...), podem proporcionar e possibilitar o *feedback* do conhecimento, mas é necessário que tenhamos uma prática educativa que não negue a curiosidade e a criticidade do educando, mas que, sobretudo, o leve a indagar, a duvidar, a comparar, pois quanto mais curiosos podemos tornar nossos alunos, mais críticos podemos fazê-los, afirma Freire (2006d).

Está equivocado o educador que pensa que o conhecimento encerra em si mesmo. Segundo Freire (2006d), somos seres inconclusos, portanto estamos em constante busca pelo conhecimento, criando e/ou recriando-o nos ambientes escolares, utilizando ou não a TV e o vídeo. Mas, é importante lembrar, que além desse espaço midiático possibilitar essa construção do conhecimento, ele deve proporcionar condições de interatividade para melhor desenvolver as potencialidades dos educandos, além de trabalhar o processo de democratização e conscientização da realidade em que vive.

Assim sendo, o uso da TV e do vídeo, exercem um papel social na construção do conhecimento, cujo desenvolvimento dar-se-á dentro de uma prática educativa flexível e inovadora. Se a escola é, como informa Freire (2005), a alavanca da transformação social, é necessário que os educadores reflitam cotidianamente sobre sua prática educativa e oportunize aos seus educandos um aprendizado mais significativo e participativo ao utilizarem a TV e o vídeo, pois “ensinar não é apenas transferir conhecimento ao educando, mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de entender e comunicar o inteligido” (FREIRE, 2006d, p. 119).

Valorizar, respeitar e analisar os conhecimentos dos alunos adquiridos em outros ambientes que não os escolares, implica também em compreender a natureza do objeto cognoscível (o conhecimento), buscado constantemente pelo sujeito cognoscente (ser que conhece), bem como possibilitar aos educandos pensar a/na realidade da vida cotidiana, entendê-la e, sobretudo, transformá-la. Mas, é necessário entender que

Conhecer os conteúdos a serem ensinados é a menor das coisas, quando se pretende instruir alguém. Porém, a verdadeira competência pedagógica não está aí; ela consiste, de um lado, em relacionar os conteúdos aos objetivos e, de outro, às situações de aprendizagem. (PERRENOUD, 2007, p. 26)

Eis, então a função educativa de um profissional comprometido com o desenvolvimento da consciência crítica, inovadora e democrática de seus educandos; que valoriza, respeita e estimula a participação constante, principalmente quando utiliza a TV e o vídeo em sua prática educativa como forma de enriquecer sua aula bem como proporcionar aos educandos a construção de conhecimentos de forma dinamizada.

É preciso também que os educadores compreendam que produzir e/ou construir conhecimentos só será possível na medida em que estes profissionais utilizarem de forma correta a TV e o vídeo como recurso que aguça o gosto pela curiosidade, respeitando-os em suas participações, porque segundo Freire (2006d, p. 21), “se a estrutura do meu pensamento é a única, irrepreensível, não posso escutar quem pensa e elabora seu discurso de outra maneira que não a minha [...]”. Desta forma, a TV e o vídeo tornam-se importantes recursos na construção do conhecimento a ser adquirido e aprimorado pelos educandos na medida em que os educadores fizerem o uso dessas mídias no cotidiano escolar.

Nesse contexto, “[...] saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção [...], como afirma Freire (2006d, p. 47), é uma importante reflexão que os educadores devem fazer, pois é dentro da sala de aula e/ou utilizando essas mídias (a TV e o vídeo) que podemos aguçar o gosto pela curiosidade, pela participação, estabelecendo assim, uma troca de conhecimentos, porque

[...] meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra de mim. (FREIRE, 2006d, p. 118)

Estimular à pergunta, a criticidade, a democracia, a curiosidade são maneiras de provocar a construção do conhecimento que emerge em toda e quaisquer situações do cotidiano intra e/ou extraescolar e, transmutá-lo em ferramenta de mudança, pois uma sociedade necessita de cidadãos críticos e transformadores da realidade em que vivem, uma vez que “[...] cada geração, não podendo limitar-se a consumir a cultura já existente, necessita, também, recriá-la e superá-la”, afirma Cortella (2011, p. 39).

Neste caso, a escola não pode formar seres humanos com uma visão ingênua de sua própria realidade. Por conseguinte, vem há anos renovando o sistema educacional através de uma educação que visa despertar nos alunos o gosto pela curiosidade, pela criticidade, pela criatividade, pelo respeito, enfim, vem ainda, desenvolvendo os educandos para se tornarem sujeitos do conhecimento e agentes da transformação social.

O que precisamos, indubitavelmente, é de uma pedagogia que valorize a comunicação, sobretudo, quando se fizer o uso da TV e do vídeo como instrumento auxiliador do ensino; uma pedagogia onde os educandos reconheçam-se como sujeitos cognoscíveis, capazes de atuar, pensar, crescer, criticar, transformar e, não apenas adaptar-se fatalisticamente a uma realidade desumanizante, como enfatiza Freire (2006c).

Mas, para isso é necessário que a escola estimule seus educandos e, principalmente seus educadores a explorarem bem o uso da TV e do vídeo quando utilizarem, para que mutuamente, construam uma concepção crítica da realidade local e global, conseqüentemente assim, a escola, por sua vez, assume seu papel social que há muito se espera dela. Daí

A importância fundamental do desenvolvimento da capacidade crítica dos educandos enquanto sujeitos de conhecimento, desafiados pelo objeto a ser desvelado, em vez da insistência da escola sobre a docilidade intelectual das crianças em face dos pacotes de conhecimentos que são transmitidos a elas pelo educador. (FREIRE & GUIMARÃES, 2005, p. 51)

Essa é a razão pela qual os educadores devem renovar suas práticas educativas com o uso coerente da TV e do vídeo, estabelecendo, assim, uma relação entre educandos (sujeitos do conhecimento) que desejam aprender a aprender e o objeto que se propõe buscar como aprendizado (o conhecimento), possibilitando, assim, uma reciprocidade na construção do conhecimento de ambos. Na verdade, o que se pretende com essa reciprocidade é transformar a consciência ingênua dos educandos em uma consciência crítica, proporcionada a partir da utilização da TV e do vídeo.

Vale ressaltar, que todas as vezes que o educador fizer o uso dessa importante ferramenta no processo de ensino-aprendizagem estará desenvolvendo no educando o gosto pela curiosidade, pela pesquisa, pela mudança, pelo debate, pelo respeito, enfim, pela busca intensa do objeto cognoscível (o conhecimento), e, consciente de sua condição de sujeito cognoscente (sujeito que aprende), será capaz de melhor atuar e transformar a realidade em que está inserido.

CAPÍTULO II – TV E VÍDEO: DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

No capítulo anterior ficou explícito que quanto mais utilizarmos a TV e o vídeo em nossas práticas educativas mais possibilidades teremos para desenvolver em nossos educandos o senso crítico de determinada realidade. Mas, para isso acontecer é preciso e indispensável que os educadores se desnudem da prática educativa tradicional e alienante, para que possam, metodicamente, exercitar a capacidade crítica dos educandos através da participação e pela incitação da curiosidade num verdadeiro *feedback*, onde a construção do conhecimento tenha, deveras, a possibilidade de acontecer, pois

[...] uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como um ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto [...]. (FREIRE, 2006d, p. 41)

Nesse contexto, reconhecer-se como objeto transformador é imprescindível, pois, atualmente, as tecnologias vêm invadindo cada vez mais nosso cotidiano. Se antes o desafio do professor era dominar a linguagem dos livros hoje seu maior desafio é dominar as tecnologias, porque

A evolução tecnológica impõe-se e transforma o comportamento individual e social. A economia, a política, a divisão social do trabalho, em diferentes épocas, refletem os usos que os homens fazem das tecnologias que estão na base do sistema produtivo. (KENSKI, 2006, p. 14)

Neste novo momento das evoluções tecnológicas, infelizmente, ainda encontramos profissionais intolerantes às mudanças, preferindo continuar utilizando sua prática educativa de anos, àquela que apenas deposita os

conhecimentos aos educandos e estes, por sua vez, se tornam indivíduos alienantes e passivos na realidade em que estão inseridos.

Neste caso, o que não podemos deixar acontecer é a permanência dessa prática obsoleta perdurar por muitas gerações, uma vez que nossa função visa despertar nos educandos o gosto pela participação, pela curiosidade, pela pesquisa, pela liberdade, pela criatividade, pelo respeito, enfim, a fazê-los sujeitos do conhecimento e agentes da transformação social, pois, “as novas tecnologias [...] interferem nos modos de pensar, sentir, agir, relacionar-se socialmente e adquirir conhecimentos [...]”, assevera Kenski (2006, p. 16).

Felizmente, as formas de acesso, aquisição e utilização dessas novas tecnologias estão presentes diretamente em nosso cotidiano basta apenas à boa vontade do professor em querer sair da inércia e inovar de fato sua prática educativa. Não pode aqui, o professor encarar esse desafio como um obstáculo intransponível, todavia, como uma oportunidade para refletir sobre sua maneira de ensinar e começar a despertar nos alunos a criticidade dos saberes escolares nas possibilidades de aprendizagem oferecidas pela TV e pelo vídeo, pois essas mídias se tornam pontes entre quem aprende e os conteúdos por elas veiculados.

Aqui percebemos, que

Diante dessa realidade, o papel do professor também se altera. Muitos professores já se sentiram que precisam mudar a sua maneira de ensinar. Querem se adaptar ao ritmo e às exigências educacionais dos novos tempos. Anseiam por oferecer um ensino de qualidade, adequado às novas exigências sociais e profissionais. (KENSKI, 2006, p. 20)

Quando o professor assume seu papel fica mais fácil acontecer a mudança em sua prática educativa bem como em sua visão da realidade que o circunda, pois ele volta-se para a construção de uma sociedade que tenha a inclusão social como prioridade absoluta, como a dos analfabetos, a dos

professores leigos, a dos portadores de necessidades especiais, afirma Kenski (2006).

Partindo desse pressuposto,

O papel da educação, nesse sentido, é o de formar o cidadão, apto a tomar decisões e a fazer escolhas bem informadas acerca de todos os aspectos da vida em sociedade que o afetam. Isso exige acesso à informação e a capacidade de processá-la judiciosamente, sem se deixar levar pelo poder econômico ou político¹.

Diante dessa possibilidade, o professor deve intensificar a busca de alternativas que melhor desenvolvam o senso crítico, autônomo e democrático dos alunos, propiciando um nível de informação necessária para a produção de conhecimentos capaz de intervir e modificar os aspectos da vida em sociedade.

[...] O professorado, diante das novas realidades e da complexidade de saberes envolvidos presentemente na sua formação profissional, precisaria de formação teórica mais aprofundada, capacidade operativa nas exigências da profissão, propósitos éticos para lidar com a diversidade cultural e a diferença, [...]. (LIBÂNEO, 2005, p. 77)

Mas, infelizmente ainda encontramos profissionais da educação (professores), que além de ainda estarem arraigados no tradicionalismo autoritário, também se submetem às condições não éticas e antiprofissionais, por conseguinte, acabam tornando-se seres “alienados e inautênticos”

Só educadoras e educadores autoritários negam a solidariedade entre o ato de educar e o ato de serem educados pelos educandos; só eles separam o ato de ensinar do de aprender, de tal modo que ensina quem se supõe sabendo e aprende quem é tido como quem nada sabe. (FREIRE, 2008, p. 27)

¹ “Educação para a sociedade da informação”, Livro Verde. Brasília: MCT, versão preliminar, 2000, cap. 5, p. 20

Não são raros os educadores para quem “educar é adaptar o educando a seu meio” e a escola, em regras, não vem fazendo outra coisa senão isto. [...] Neste sentido, a escola, não importa qual seja seu nível, vem desempenhando um papel dos mais importantes, como eficiente instrumento de controle social. (FREIRE, 2006c, p. 119)

O que o autor nos assevera é, muitas vezes, ignorado por profissionais alienados e autoritários que ainda acreditam que “sabem tudo”, que sua prática de anos sempre deu certo e que não precisa mudar e que seus alunos nada têm a contribuir em sua ação pedagógica, tampouco com sua aprendizagem. Segundo Freire (2008, p. 28), “o educador [...], precisa reconhecer que o conhecimento não é um dado aí, algo imobilizado, concluído, terminado, a ser transferido por quem o adquiriu a quem ainda não o possui”. Ele precisa compreender que o conhecimento sempre está em constante mudança.

Daí que o papel do educador frente à TV e o vídeo é fomentar novas capacidades intelectuais de pensar, de discutir, de debater, de duvidar, de perguntar e, construir mutuamente o conhecimento, desenvolvendo uma visão global da realidade em que vive para posterior transformação, pois de acordo com Perrenoud (2007, p. 156), “[...] os recursos cognitivos mobilizados pelas competências devem ser atualizados, adaptados a condições de trabalho em evolução”. É preciso insistir que ensinar não é transferir conhecimento (Freire, 2006d), é necessário que sempre haja inovações e adaptações na maneira de ensinar.

É difícil ignorar o que se passa no mundo, prova disso é a imersão das tecnologias no cotidiano escolar. A TV e o vídeo são os recursos mais simples e fáceis de utilizar, mas infelizmente ainda existem professores que além de não se atualizarem no tempo não fazem adaptações em suas práticas educativas, tornando o processo de ensino-aprendizagem pouco estimulante.

Segundo Freire (2005, p. 89), “quanto mais autoritário é o educador, mais medo tem de arriscar-se”. É esse medo que o paralisa e o faz desistir de enfrentar as inovações na maneira de ensinar, tornando, por vezes, um desafio sem muito esforço de sua parte. Contudo, o educador que não se propuser às

mudanças e às evoluções tecnológicas dificilmente desempenhará um bom ensino, pois “as crianças nascem em uma cultura em que se clica, e o dever dos professores é inserir-se no universo de seus alunos²”.

Um dos erros mais funestos que podemos cometer é pensar que somos os “donos da verdade”, e que esta é absoluta. Pensamento errôneo, pois somos surpreendidos, cotidianamente, em nossas salas de aula, por essas crianças/alunos que já chegam às escolas com essa gama de conhecimento, que deve, através de aulas expositivas com o uso de mídias com a TV e o vídeo, ser paulatinamente lapidado pelo professor que possui uma prática crítico-reflexiva, oriundo de sua formação continuada.

Cabe notar, que “formar-se não é [...] fazer cursos (mesmo ativamente); é aprender, é mudar, a partir de diversos procedimentos pessoais e coletivos de autoformação”, assevera Perrenoud (2007, p. 160). Não nos adianta de nada fazer curso aqui e ali se nossa prática está em desuso, todavia o que precisamos é de uma prática reflexiva, pois ela é uma fonte de aprendizagem (Idem.), a partir daí, nos restará aprender a analisar, a explicitar, a tomar consciência do que se faz (Idem.), uma vez que, o maior desafio é nossa autoformação.

Uma questão crucial que decorre dessa perspectiva é saber que experiências de aprendizagem possibilitam mais qualidade cognitiva no processo de construção e reconstrução de conceitos, procedimentos e valores. Em outros termos: que recursos intelectuais, que estratégias de aprendizagem podem ajudar os alunos a tirar proveito do seu potencial de pensamento e tomarem consciência de seus próprios processos mentais. (LIBÂNEO, 2005, p. 82)

Nesse contexto, o professor deve tornar sua prática mais reflexiva e não se limitar a trocar ideias com seus alunos. É necessário que ele se arrisque a inovar, utilizando as mídias como a TV e o vídeo, sem temer, pois assim, ele permite construir metodologias que ajudem seus alunos a desenvolver o

² Patrick Mendelson in: 10 Novas Competências para Ensinar de Philippe Perrenoud

conhecimento e, de forma consciente, agir como cidadão crítico e transformador de sua realidade, pois segundo Perrenoud (2007, p.160), “[...] o exercício metódico de uma prática reflexiva poderia tornar-se uma alavanca essencial de autoformação e de inovação e, por conseguinte, de construção de novas competências e de novas práticas”.

[...] quanto às práticas de formação de professores, a tendência investigativa mais recente e mais forte é a que concebe o ensino como atividade reflexiva. [...] A ideia é a de que o professor possa “pensar” sua prática, ou em outros termos, que o professor desenvolva a capacidade reflexiva sobre sua própria prática. (LIBÂNEO, 2005, p. 85)

Se quisermos trabalhar para desenvolver uma visão construtivista em nossos alunos é preciso, deveras, arriscar e corroborar uma prática crítico-reflexiva na formação inicial e continuada de professores para que na sala de aula, utilizando ou não a TV e o vídeo, promova a estruturação das ideias e do pensamento dos alunos para a (re) construção mútua do conhecimento.

[...] Quero destacar a necessidade da reflexão sobre a prática para a apropriação e produção de teorias, como marco para as melhorias das práticas de ensino. Trata-se da formação do profissional crítico-reflexivo, na qual o professor é ajudado a compreender o seu próprio pensamento e a refletir de modo crítico sobre sua prática. (LIBÂNEO, 2005, p. 86)

Diante das novas tecnologias da informação e comunicação é preciso que o professor busque aprofundar sua formação teórica, desenvolvendo uma postura crítico-reflexiva presente na sua formação profissional e indispensável, indubitavelmente, no desenvolvimento de cidadãos críticos capazes de intervir e modificar sua realidade cotidiana.

Educar com tecnologias como a TV e o vídeo é um desafio que até agora não foi enfrentado com profundidade, mas para aproveitar melhor essas tecnologias é preciso conhecê-las de fato, pois o que temos feito foram apenas adaptações, pequenas mudanças, assevera Moran. O professor, ao incluir a

TV e o vídeo na sala de aula, tem que perceber a mudança nas relações hierárquicas, pois cria-se um espaço para um trabalho dinâmico onde o processo de ensino-aprendizagem o levará a compreensão da produção do conhecimento, asserça Silveira (2006).

Tudo isso muda a dinâmica da sala de aula, pois possibilita a construção do conhecimento em vez de apenas reproduzi-lo metodicamente.

Para que televisão e vídeo entrem na sala de aula é necessário que se adaptem seriamente às características da aprendizagem. A aprendizagem é um processo, não se dá por tópicos ou pontos ou segmentos isoláveis, portanto não basta falar do que se quer ensinar ou fazer uma “gramática” da televisão educativa. (SILVEIRA, 2006, p. 58)

A chave do sucesso na formação continuada do professor consiste em uma prática crítico-reflexiva capaz de tornar a sala de aula um momento de entretenimento, principalmente quando utilizada a TV e o vídeo como ferramenta de inovação de sua práxis.

A educação, nesse cenário, fortalece o sentido de valorização do ser humano e de sua competência para viver em sociedade e trabalhar. Nessa perspectiva, cresce a importância dos professores, mudando seu perfil e sua forma de atuação. Em consequência, muda também o modo de encarar a formação desses profissionais. A formação de professores, juntamente com a remuneração adequada e a melhoria das condições de trabalho docente, passa a ser vista como elemento estratégico para a efetiva profissionalização do magistério e para o estabelecimento de algumas das condições fundamentais para a boa qualidade do ensino e da aprendizagem. (MEDEIROS, 2006, p. 71)

Agora, o que precisamos é romper a mediocridade em não querer mudar, em não querer inovar, porque como a globalização, teremos sempre que buscar formas alternativas para melhorar o processo de aprendizagem na escola, através da nossa autoformação, ou então, seremos ridicularizados pelos nossos alunos que estão imersos nas novidades tecnológicas e já “nascem clicando”. Podemos então, aprender continuamente, desde que em nossa formação sejamos valorizados e despidos da visão retrógrada e

alienante oriunda de uma prática que pouco tem a ver com a realidade de nossos alunos.

A aprendizagem moderna deveria olhar continuamente para os problemas de cada aluno e oferecer ajuda na resolução. Assim apoiados, os alunos são capazes de dominar os temas em questão, cada um no seu momento e conforme as próprias circunstâncias. (SILVEIRA, 2006, p. 61)

Vale ressaltar, que mesmo com uma nova abordagem, nova metodologia, ainda nos deparamos com aqueles alunos que possuem dificuldades em aprender, daí a importância do professor estimular a curiosidade desses alunos e possibilitá-los desenvolver questionamentos na construção de suas ideias e/ou hipóteses.

Superar esse obstáculo depende da maneira como o professor exerce sua práxis em sala de aula, porque “ninguém sabe tudo, ninguém ignora tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa”, asserça Freire (2008, p. 69). Passar a ver e compreender essa prática educativa a favor dos alunos é uma maneira de nos desafiar em nossa formação inicial e continuada, bem como de representar a mudança no exercício da prática pedagógica docente.

Para formar cidadãos críticos, criativos, autônomos e atuantes em sua realidade cotidiana o professor precisa buscar sempre a autoformação, pois com as novas tecnologias as exigências educacionais aumentam e necessitam de profissionais que ajustem sua práxis às realidades do mundo globalizado.

[...] O novo professor precisaria, no mínimo, de uma cultura geral mais ampliada, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar os meios de comunicação e articular as aulas com as mídias e multimídias. (LIBÂNEO, 2005, p. 10)

Mas para isso, é preciso que o professor saia da inércia e arrisque a mudança em sua formação, inovando sua prática, utilizando a TV e o vídeo não como ferramenta de adestramento, mas, sobretudo como alternativa para dinamizar sua aula, tornando-a mais atrativa e participativa, proporcionando aos seus alunos o desenvolvimento de uma visão holística da realidade cotidiana, bem como propiciando a construção do conhecimento crítico-reflexivo.

CAPÍTULO III – ESCOLA E REALIDADE: PRÁXIS POR MEIO DA PESQUISA

Conclui o capítulo anterior, dizendo que para o professor formar cidadãos críticos, autônomos e atuantes em sua realidade, frente às novas exigências educacionais, como o uso de mídias como a TV e o vídeo, é necessário que ele busque constantemente a autoformação com intuito de inovar sua prática educativa, tornando-a mais dinâmica e participativa. Esse contexto orientou a organização deste capítulo onde discorrerei acerca do uso do Programa TV Escola como exercício de uma prática crítico-reflexiva na construção do conhecimento.

Durante a pesquisa surgiram algumas categorias que orientam o pensar e o agir do professorado e, que apesar de distintas se complementam. Por conseguinte, se faz necessário um esclarecimento para compreender e entendê-las melhor. Dentre essas categorias destacam-se: realidade, teoria, prática, escola e prática educativa.

A realidade a que me refiro durante o texto diz respeito àquela manifestada na vida cotidiana quer seja, principalmente do educando quer seja do educador. Pois, é utilizando conhecimentos do dia-a-dia do educando que o educador terá mais flexibilidade em sua prática educativa, a partir do momento em que dominar a linguagem das novas tecnologias.

Reconhecer que o uso das mídias, como a TV e o vídeo, são importantes ferramentas no processo de aprendizagem e que elas ampliam nossa capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar ao mundo, mas, sobretudo para transformá-lo, para nele intervir, recriando-o e nos educando a um nível distinto do nível de adestramento, como enfatiza Freire (2006d).

É com este modelo de prática que podemos trabalhar na escola (outra categoria adotada no texto), principalmente em sala de aula, palco de nossas ações pedagógicas, para melhor interpretar a realidade cotidiana dos nossos educandos e orientá-los na construção do conhecimento e/ou aprendizagem, pois “[...] a realidade que é mais palpável, aquela na qual tenho maior

segurança, diz respeito ao mundo que se acha ao alcance de minhas mãos: mundo no qual atuo, trabalhando para alterá-lo ou conservá-lo”, assevera Júnior (2006, p. 29).

Nessa perspectiva, a transformação do mundo depende, em grande parte, de constante inovação na prática educativa dos educadores em sala de aula, principalmente dos que se preocupam em desenvolver o senso crítico, criativo, autônomo e democrático em seus educandos, a partir de seus aperfeiçoamentos e/ou formação continuada, ajudando-os “[...] a tornarem-se sujeitos pensantes, capazes de construir elementos categoriais de compreensão e apropriação crítica da realidade”, como afirma Libâneo (2005, p. 10).

A teoria, outra categoria presente no texto, diz respeito àquele conhecimento subjetivo e já sistematizado que orienta o fazer no cotidiano das pessoas, por conseguinte, sempre está associado à prática (outra categoria também citada no texto). Teoria e prática são indissolúveis na formação do educador, bem como articuladoras de trabalhos concomitantes. Nesse sentido, Candau (2005), assevera que todos os componentes curriculares que trabalham na unidade teoria-prática, têm uma visão total de como está sendo executada a prática educativa em sala de aula.

Segundo a autora (2005, p. 55), “a prática é a fonte da teoria da qual se nutre como objeto de conhecimento, interpretação e transformação” da realidade cotidiana. Ela, ainda diz que por ser transformadora da realidade, a prática é criadora, pois diante das necessidades e situações que se apresentam ao homem, ele cria soluções, sendo esse processo criador, imprevisível e indeterminado, porém, de acordo com as mudanças sociais, tecnológicas e educativas.

Sendo assim, a ação do educador nesse processo, seria adotar em sua autoformação, uma teoria que o leve a desenvolver uma prática educativa que contribua para melhor apreensão da realidade cotidiana, visando intervir na mesma a partir do desenvolvimento do senso crítico, criativo, autônomo e democrático de seus educandos, dando à escola sua verdadeira função social

cujo saber não se encontra centralizado no professor, mas que ele possa proporcionar aos seus educandos uma visão holística da escola que é um espaço social e revelador onde ocorre a construção do conhecimento, como já vimos anteriormente.

Quanto à categoria prática educativa nada mais é do que a ação pedagógica exercida pelo professor. Se ele em sua formação inicial e continuada for capaz de compreender sua prática educativa, refletir sobre ela diariamente, de explorar os saberes que os educandos possuem ao utilizar a TV e o vídeo como recurso pedagógico, despertando neles o gosto pela curiosidade, pela criticidade e principalmente, pela responsabilidade de construção do próprio conhecimento, esta prática estará a seu favor com o compromisso de um contínuo processo de reelaboração (Candau, 2005), da mesma.

Segundo Giesta (2004, p.19), “o educador que, corajosa e honestamente, analisa sua prática e as respostas que dela obtém evita, a alienação e a apatia [...]”, por isso, se faz necessário um repensar sobre as consequências do medo de inovar com as novas tecnologias, bem como da permanência de uma prática educativa retrógrada e obsoleta que não visa o desenvolvimento da criticidade, da criatividade e da democracia nos educandos.

Promover essa reflexão significa tomar consciência de que através de uma boa – relevante pelo menos – formação pedagógica (Freire, 2005), o professor pode proporcionar ao educando um aprendizado significativo, levando-o a (re) pensar o mundo que o cerca para melhor entendê-lo (Giesta, 2004) e, quiçá, transformá-lo, mas para que isso ocorra é preciso que o professor em sua formação continuada inove e renove sua prática educativa e que ela seja, sobretudo, planejada de forma crítico-reflexiva.

E foi associado a essa compreensão sobre a prática que resolvei pesquisar como os educadores da Escola Estadual Denise de Melo Vasconcelos trabalham com o Programa TV Escola como ferramenta pedagógica no processo de aprendizagem dos educandos, saber de que

maneira eles utilizam o Programa TV Escola, como associam o conteúdo curricular com a proposta do programa, o que muda em sua prática educativa com o uso da TV e do vídeo e se esta é constituída de teorias adquiridas em sua formação.

A escola pesquisada (ver apêndice 2), localiza-se no bairro Provedor II, município de Santana-AP. Das dez turmas do 1º ao 5º anos (ensino de nove anos) que a escola possui, escolhi apenas quatro turmas: duas do 4º ano e duas do 5º ano (por estarem num estágio de aprendizagem mais elevado), para a realização de observações e entrevistas com os respectivos professores que decodificarei durante o desenvolvimento da pesquisa com as letras maiúsculas A, B, C e D.

A escola possui um corpo técnico-pedagógico definido que organiza o planejamento com os professores por ano/série que atuam e supervisionam a execução das atividades pedagógicas por eles planejadas. Esse fator, em tese, possibilitaria o desenvolvimento crítico, criativo, autônomo e democrático dos alunos, bem como a inovação da prática educativa dos professores. Mas, infelizmente, apesar do planejamento em conjunto o que se vê na escola em questão são ações pedagógicas isoladas.

Como não dispunha de tempo suficiente (em função da greve da educação estadual), para executar a pesquisa completa com oficina para os professores, passei apenas duas semanas observando a prática educativa dos professores quando utilizavam a TV Escola e, em dois dias realizei as entrevistas. E, constatei a diferença existente entre a teoria e a prática dos professores entrevistados em relação à utilização da TV Escola como ferramenta pedagógica no processo de aprendizagem dos alunos.

Vale ressaltar, que alguns professores, ao serem entrevistados, entravam em contradição entre o que diziam na entrevista e o que fora observado na sala ambiente da TV Escola, bem como na sala de aula. Na entrevista eles negaram a prática tradicional e alienante que vêm exercendo há anos, talvez por ainda não perceberem, mas infelizmente, no dia-a-dia da sala de aula é essa prática que se evidencia no fazer de alguns professores

que não estimulam seus educandos a pensar e compreender a relação da escola com a realidade cotidiana local em que vivem com a realidade global em que estão inseridos.

Segundo Freire (2006d, p. 86),

[...] o fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos.

Fica evidente que antes de qualquer tentativa de discussão sobre essa prática educativa docente e a utilização da TV Escola como recurso pedagógico no processo de aprendizagem é preciso estimular nos educandos o exercício da curiosidade, o que por sua vez, os conduzirá, espontaneamente, ao desenvolvimento crítico, criativo, autônomo e democrático, para assim, poder intervir e modificar sua própria vida cotidiana.

No afã de propor alternativas pedagógicas quanto ao uso da TV Escola e um repensar na prática educativa docente, elaborei um roteiro de entrevista (ver apêndice 1), cujo objetivo é propiciar a interação e o intercâmbio de informação/conhecimento entre educadores e educandos através do Programa TV Escola como recurso alternativo no processo de aprendizagem.

Dentre as perguntas da entrevista destacam-se:

1. *Você conhece o Programa TV Escola? Como você o conceitua?*

Ao responderem a esta pergunta os professores foram unânimes em dizer que conhecem o programa, mas na hora de conceituá-lo os professores A, C e D, disseram que: “ela serve para ajudar nas aulas e para que o professor não se detenha somente ao quadro magnético”. Já o professor B, disse que: “é um espaço de lazer dos alunos”.

Segundo Medeiros (2006, p. 71),

[...] a TV Escola não é algo novo. O que muda hoje é que as políticas públicas têm tentado tornar as tecnologias da informação e da comunicação acessíveis a todas as escolas públicas – seus alunos, professores e dirigentes –, de forma que eles possam enriquecer os momentos presenciais e também estudar a distância. A universalização do acesso à tecnologia é uma forma de valorizar os profissionais da educação, de democratizar recursos e também de promover a equidade.

Lamentavelmente, existem professores que ainda possuem uma visão parcial do programa TV Escola e, não só o veem como um espaço de lazer como, também, o torna. Durante a semana de observação, percebi o quanto os professores entrevistados fazem da sala ambiente da TV Escola um momento de descanso, de folga. O que eles deveriam saber de fato é que este programa

[...] foi criado com o objetivo de ser mais uma estratégia para reduzir as taxas de repetência e evasão; motivar professores, alunos e comunidade escolar; incentivar atitudes autônomas que fossem a base para aprendizagem; propiciar o desenvolvimento humano permanente. (MEDEIROS, 2006, p. 72)

Nesse contexto, é importante que o professor saiba que o surgimento da TV Escola foi para que se buscassem formas alternativas para inovar o processo de aprendizagem, sair da rotina dos livros e do quadro, bem como garantir uma formação continuada a todos os professores. Pois, “a TV Escola uniu um projeto eficiente de comunicação a uma possibilidade eficiente de ensino-aprendizagem”, assevera Medeiros (2006, p. 72), para que a partir desse alicerce, professores e alunos ampliassem suas habilidades e competências através do conhecimento sistematizado.

Dessa maneira,

[...] é inegável que a sistematização do conhecimento proporcionado pela escola amplia as chances de participação na sociedade e do usufruto dos benefícios disponíveis. Quanto mais escolarização, mais opções de intervenção no cotidiano, e melhores expectativas de bem-estar. (MELO & TOSTA, 2008, p.80)

Portanto, se faz necessário que, principalmente, os professores conheçam de fato e na íntegra o Programa TV Escola para que assim descubram a funcionalidade e o objetivo deste, porque

o Programa TV Escola veio para enriquecer o seu trabalho e ampliar o acesso ao uso da TV e do vídeo, seja para aperfeiçoamento do professor, seja em sala de aula. Esse programa faz parte do processo de democratização. (MEDEIROS, 2006, p. 77)

Nesse sentido, é possível que com acesso a essas mídias o professor melhore seu desempenho profissional, adotando uma prática educativa indispensável ao exercício pleno de cidadãos críticos, autônomos e democráticos. Mas, é preciso também que ao utilizar essas mídias (a TV e o vídeo), bem como outras, o professor deve levar em consideração que elas são importantes instrumentos de formação continuada para quem ousa inovar sua prática no cotidiano escolar.

2. Você já usou a TV Escola? De que maneira utilizou algum recurso didático do Programa?

A esta primeira parte da pergunta os professores responderam que “sim”, pois há, segundo eles, um cronograma na escola em que cada dia da semana duas turmas, em horários agendados, vai para sala ambiente da TV Escola. Quanto à utilização de algum recurso didático do programa (como vídeos, filmes), foram enfáticos em dizer raras vezes permanecem na sala ambiente da TV Escola e que na maioria das vezes apenas levam seus alunos para “tal sala” e os entregam à professora responsável por aquele ambiente. Que absurdo! Pois,

Não podemos deixar que o uso de facilidades comunicativas sem critérios empobreça a escolaridade nem diminua as exigências de ensino e pesquisa. Muito pelo contrário, podemos aproveitá-las para informar, difundir fontes originais, estabelecer relações interdisciplinares. (SILVEIRA, 2006, p. 53)

Retornamos aqui a discussão do capítulo anterior onde o professor deve buscar, insistentemente, sua autoformação e despertar para uma prática crítico-reflexiva onde o aluno possa se tornar o construtor de seu próprio conhecimento não um mero reproduzidor de ideias. Segundo Silveira (2006, p. 58), “para que televisão e vídeo entrem na sala é necessário que se adaptem seriamente às características da aprendizagem”. Nesse contexto, não nos cabe utilizar o ambiente da TV Escola como um mero passatempo ou ainda, como um momento de lazer, de folga do professor.

Se quisermos formar cidadãos críticos e autônomos, devemos valorizar o conhecimento para que os educandos se apropriem dele com outra visão que não alienante, mas, sobretudo, transformadora da realidade cotidiana. Pois, “[...] é preciso não esquecer que televisão e vídeo têm constituintes específicos e que seu uso em sala de aula supõe profundas diferenças”, assevera Silveira (2006, p. 59). Baseado nessa reflexão o professor precisa rever sua prática, bem como seus conceitos sobre o processo ensino-aprendizagem e modificá-los sempre que necessário se seu objetivo, de fato, é formar cidadãos críticos, autônomos e democráticos.

3. Você conhece e utiliza o acervo de CD's e DVD's existentes na sala ambiente da TV Escola da instituição em que você atua?

Para esta pergunta os professores disseram que conhecem em parte, pois a professora responsável pela sala ambiente havia lhes repassado uma relação dos vídeos que lá se encontram, mas que de fato nunca assistiram a nenhum vídeo. O professor B, disse: “- Não tenho tempo de assistir filmes nem mesmo em casa”. E, de acordo com a professora responsável pela sala ambiente da TV Escola é passado aos alunos filmes de desenhos em animação (A Era do Gelo, Shrek, Zé Colmeia, Madagascar, etc.), uma vez que os professores não se preocupam em utilizar e planejar com os vídeos que ela dispõe.

Segundo Medeiros (2006, p. 74),

O objetivo da TV Escola consiste em contribuir para a qualificação, o aperfeiçoamento e a valorização dos professores, apoiando seu trabalho em sala de aula, melhorando assim a qualidade do ensino na escola pública.

Mas, pelo que se observa principalmente na fala do professor B é que realmente a maioria dos professores não se preocupa em melhorar a qualidade do ensino, uma vez que sua preocupação é ganhar dinheiro tendo que trabalhar em duas ou mais escolas para manter um padrão de vida razoavelmente bom. Esquecendo-se aí do compromisso com a educação de seus alunos. Segundo a autora, a TV Escola não é um substituto do professor em determinado momento, mas, sobretudo, um suporte para melhorar seu desempenho profissional, fazendo o uso adequado das mídias que a compõe.

O material disponível pela TV Escola, apesar de grande parte esteja voltado para o segundo ciclo ensino fundamental (do 6º ao 9º Ano) e para o ensino médio, têm um acervo que precisa ser trabalhado/exibido/assistido ainda no primeiro ciclo do ensino fundamental (do 1º ao 5º Ano) e outros onde o professor precisa fazer adaptações para suas aulas. Mas, infelizmente, nosso professorado não tem tempo para dinamizar e/ou diversificar sua prática educativa, deixando nossos alunos a mercê de uma reflexão mais crítica da realidade em que está inserido.

A TV Escola oferece a programação. Cabe você analisar e escolher o que considera mais importante para o seu aperfeiçoamento e para o uso em sala de aula. Afinal, você é quem melhor conhece os seus alunos, a escola, a comunidade e a região onde estão localizados. (MEDEIROS, 2006, p. 83)

É preciso que o professor saia do comodismo, busque sua formação e garanta que o conhecimento seja adquirido de maneira crítica oportunizando ao aluno participar da sociedade, transformando-a como melhor lhe convier, não o tornando sujeito passivo e alienado.

4. Quais as metodologias que você trabalha ao utilizar a TV Escola?

Na pergunta supracitada os professores disseram que após os alunos retornarem da sala ambiente da TV Escola, geralmente eles perguntam sobre o que assistiram, se gostaram, etc. É inadmissível que ainda existam professores que distanciam um momento privilegiado de aprendizagem como o uso da TV e do vídeo da rotina e das ações educativas em sala de aula. Isso é comportamento de um profissional que pouco se importa com a forma como o aluno vai aprender, pois

A distância existente entre as especificidades das aprendizagens realizadas a partir das mediações televisivas e as metodologias de ensino tradicionais de sala de aula constitui um grande desafio para o educador. Esse desafio pode ser encarado como um obstáculo intransponível. (KENSKI, 2006, p. 11)

Diante desse contexto, o professor precisa rever sua prática educativa tradicional e obsoleta e ignorá-la e, privilegiar uma aprendizagem que atenda as necessidades dos alunos, possibilitando-os à construção do conhecimento com uma visão holística da realidade em que está inserido. Paulo Freire nos fala que a educação é dialógica e na atual sociedade tecnológica o professor precisa contribuir para a formação de cidadãos críticos e autônomos, principalmente por meio da leitura crítica de imagens televisivas, quando utilizar a TV Escola, pois há um universo a ser explorado com as mídias que a compõem.

5. Como você relaciona o conteúdo curricular com os programas da TV Escola?

É fato que professores com concepções alienantes sobre a educação ainda ostentam uma prática educativa bancária, tratando seus alunos como se fossem “vasilhas vazias” que devem ser cheias pelos conhecimentos depositados pelos professores, assevera Freire (2006a). Esse fato é notório na resposta do professor B, quando ele diz: “- tenho que cumprir meu plano e os

conteúdos da TV Escola não está incluído nele, por isso a considero como um momento de lazer”.

O que percebemos nessa fala é a forma verticalizada com que esse professor ensina, depositando em seus alunos um conhecimento que nada tem a ver com a realidade cotidiana. Já os demais professores entrevistados, responderam-me: “- é difícil associar o conteúdo que ensinamos com os filmes que são passados na TV Escola, porque não está no planejamento, além do mais não temos total conhecimento sobre a programação da TV Escola”. Freire (2006c, p. 32), nos diz que, “[...] um educador que restringe os educandos a um plano pessoal impede-os de criar”.

Infelizmente, a pesquisa realizada mostra que existem professores que impedem seus alunos de criarem, pesquisarem e de buscarem seu próprio desenvolvimento intelectual. Isso é um problema que deve ser combatido pela escola, que por sua vez, deve proporcionar aos seus educadores momentos de reflexão. Momentos para (re) pensarem sobre o exercício de sua prática educativa, e assim, poder substituir sua visão focalista da realidade por outra mais global, como informa o autor.

Precisamos refletir sobre nossa prática educativa, para que ela atenda, necessariamente, os fatos e/ou experiências do cotidiano dos educandos e, não se mantenha como mera reprodução livresca, cuja realidade é outra totalmente diferente da qual o educando vivencia no dia-a-dia. Proporcionar a ele “um nível mais crítico de conhecimento de sua realidade, partindo da análise de seu contexto concreto” afirma Freire (2007, p. 62), com recursos como a TV e o vídeo é uma forma de valorizá-lo e incitar nele o gosto pela curiosidade, criatividade e criticidade.

Propor aos educandos uma reflexão crítica da realidade cotidiana através de uma prática educativa que leva ao exercício da curiosidade nas leituras críticas de imagens televisivas é tomar consciência do nosso papel de profissional que buscar na autoformação apreender novos olhares sobre o processo de ensino-aprendizagem, procurando associar os conteúdos

curriculares com vídeos da TV Escola que melhor condiz com a realidade cotidiana.

6. *Quais as principais dificuldades que você tem ao utilizar a TV Escola como recurso didático?*

Ouvindo os professores afirmarem suas dificuldades em utilizar a TV Escola como recurso didático, reiterarei dizendo-lhes que essa dificuldade não se fecha apenas com a TV Escola, mas, sobretudo, com as demais mídias das novas tecnologias, como o computador, por exemplo.

Somos todos “educados” pela mídia, embora não somente por ela. Na escola podemos compreender e incorporar mais e melhor as novas linguagens, desvendando seus códigos, suas possibilidades expressivas e possíveis manipulações. (MORAN, 2006, p. 25)

Não podemos permitir que ainda permaneça a utilização da TV Escola como um momento de lazer para os alunos e/ou de folga para o professor. Aqui está a maior dificuldade em não saber utilizar a TV Escola como recurso didático.

Em nossa cabeça, o vídeo está umbilicalmente ligado à televisão e a um contexto de lazer, de entretenimento, que passa imperceptivelmente para a sala de aula. Vídeo, na cabeça dos alunos, significa descanso e não “aula”, o que modifica a postura, as expectativas em relação ao seu uso. Precisamos aproveitar essa expectativa positiva para atraí-los para os assuntos do nosso planejamento pedagógico. Mas, ao mesmo tempo, você sabe que necessitamos prestar atenção para estabelecer novas pontes entre o vídeo e as outras dinâmicas da aula. (MORAN, 2006, p. 32)

É lamentável que em pleno século XXI onde as tecnologias cada vez mais se modernizam, ainda existam professores com a visão alienante do processo de ensino-aprendizagem, visão capaz de neutralizar a educação e centralizar o saber. Mas, se conhecer é interferir na realidade conhecida, como afirma Freire (2006a), é preciso que a TV e o vídeo seja associada aos

conteúdos ensinados para que os educandos possam desenvolver sua capacidade crítica de ver o mundo, bem como de interferir em sua realidade.

7. Quais oportunidades são dadas aos alunos para trabalharem os conhecimentos adquiridos com a utilização de algum vídeo da TV Escola?

Foi constatado que os professores entrevistados daquele estabelecimento de ensino não oportunizam seus educandos a fazerem uma leitura crítica dos filmes que ali são assistidos. O que ainda perguntam, como disseram na quarta questão, é sobre o que assistiram e se gostaram do vídeo, fenecendo aí a estimulação do que poderia se tornar um aprendizado.

É estarrecedor a atitude e/ou a postura desse profissional. Tudo bem que, às vezes, não consta em nosso planejamento o filme assistido na sala ambiente da TV Escola, mas é nosso dever enquanto educador comprometido com o aprendizado dos nossos alunos, ter flexibilidade na execução do plano de aula e associar o que fora assistido com o conteúdo curricular. Por que não aproveitar um fato como este e abrir um espaço para discussões para os alunos na sala de aula?

[...] Trabalhar a partir das representações dos alunos não consiste em fazê-las expressarem-se, para desvalorizá-las imediatamente. O importante é dar-lhes regularmente direitos na aula, interessar-se por elas, tentar compreender suas raízes e sua forma de coerência [...]. (PERRENOUD, 2007, p. 28)

O autor quer que atentemos para não cometer o erro de censurar o que se assiste no ambiente da TV Escola, mesmo que ainda não esteja no plano da aula daquele dia e, aproveitar para debater o que foi assistido com os alunos, criando, assim, oportunidades para “[...] estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos e discutir as implicações políticas e ideológicas”, como assevera Freire (2006d, p. 30).

O professor C, disse que também faz essa associação do conhecimento com o vídeo assistido, geralmente em datas comemorativas nacionalmente como a Páscoa e o Natal onde passam vídeos relacionados aos temas e trabalham de forma interdisciplinar com atividades intra e/ou extraclasse.

Enquanto o professor praticar esse tipo de “ação educativa”, na verdade uma pseudo prática, pouca ou quase nenhuma situação de aprendizagem com a TV e com o vídeo terá significado ou representará relevância no cotidiano dos alunos, principalmente no tocante ao exercício pleno de cidadão crítico. Por isso, é importante que durante as aulas na sala ambiente da TV Escola, seja assegurado aos alunos oportunidades para que possam trabalhar seus conhecimentos e suas experiências de vida para o desenvolvimento de sua visão crítica da realidade em que está inserido, ainda que não esteja no planejamento cotidiano do docente.

Para concluir a entrevista, perguntei aos professores:

8. Qual a contribuição que a TV Escola possibilita em sua prática educativa?

Entre outras respostas a que chamou a atenção foi quando o professor A disse: “- a TV Escola dinamiza, prende a atenção, propõem a construção de conhecimentos de uma maneira mais descontraída e objetiva”. Nesse sentido, percebemos quão falaz é o discurso elaborado teoricamente em relação à prática cotidiana desse professor entrevistado. Ficou explícito nas entrevistas o discurso falacioso, oco e vazio dos professores que evidenciam uma prática educativa neutra e alienante, pois dicotomizam a prática e a teoria.

Segundo Perrenoud (2007, p. 30), “[...] aprender não é primeiramente memorizar, estocar informações, mas reestruturar seus sistemas de compreensão do mundo”. É pensando nessa concepção de mundo que nós enquanto educadores que somos, devemos analisar a importância da TV e do vídeo como processo de aprendizagem em nossa prática educativa. Pois, “[...] como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância

se não supero permanentemente a minha [...]”, nos asserça Freire (2006d, p. 95).

Dentre os fatores que mais contribuem para a valorização da qualidade do ensino é a inserção de metodologias diferentes, como por exemplo, a TV e o vídeo, bem como outras tecnologias da informação e da comunicação – TICs, que melhor oportunizam a construção de conhecimentos, pois segundo Guareschi (2005, p. 38),

[...] A mídia é o coração da sociedade da informação, sob cuja égide vivemos. E a informação é o novo modo de desenvolvimento responsável pela produtividade do sistema capitalista nos dias de hoje. Quem detém a informação, de um modo geral, e dentro dela a mídia, detém o fator central de desenvolvimento [...].

Nesse contexto, o uso de recursos audiovisuais como a TV e o vídeo deve propiciar análises mais profundas das causas e conseqüências dos fatos estudados na sala ambiente da TV Escola, pois é fundamental que criemos em nossos educandos o pensamento crítico, autônomo e democrático quanto à utilização dos conteúdos curriculares com esse tipo de mídia. Segundo Freire (2006d, p. 139), “o mundo encurta, o tempo dilui: o ontem vira agora; o amanhã já está feito. Tudo muito rápido. Debater o que se diz e o que se mostra e como se mostra na televisão me parece algo cada vez mais importante”.

Por conseguinte, incluir a TV e o vídeo no planejamento e associá-los aos conteúdos curriculares é nosso dever como profissionais comprometidos com a superação da visão ingênua por outra mais crítica para que nossos alunos possam modificar a sua realidade da vida cotidiana, contudo, é necessário um repensar em nossa prática educativa para melhorar o processo de ensinar e aprender. Mas, é preciso que o planejamento adequado para o uso desses recursos vá além do assistir e selecionar é fundamental que os alunos sejam informados sobre o programa a ser exibido para que os mesmos já assistam a programação com o olhar aguçado.

A partir de então é necessário que as exposições sejam enriquecidas com atividades dirigidas, já previamente definidas e complementadas por discussões, que vão trazer fatos e observações que apenas no calor do debate podem surgir. O educador, também, precisa valorizar o ensino que oferece a sua clientela, pois os recursos tecnológicos como a TV e o vídeo são apenas suportes, quem toma as decisões, norteia as conversas e possibilita as viagens imaginárias ao mundo do conhecimento é o educador.

Nesta perspectiva, educadores e educandos são parceiros na exploração das tecnologias e nas descobertas das possibilidades pedagógicas que o Programa TV Escola oferece. É assim que a prática educativa torna-se mais dinâmica, abrangente e por que não dizer revolucionária. Os educandos não precisam, apenas, das informações que a mídia vincula. Eles precisam ser informados dos processos de produção, das formas e das fontes de informação, para se tornarem sujeitos críticos e democráticos, quiçá transformadores da sociedade em que estão inseridos.

CAPÍTULO IV – A TV E O VÍDEO NA SALA DE AULA

Antes de iniciarmos todo o desenrolar deste capítulo, temos que compreender que, segundo Moran (2012), o vídeo está ligado umbilicalmente à televisão. Sendo assim, seu uso sem esta é praticamente impossível. E entender que a modernização ocorrida nas últimas décadas tem a ver com a chegada da globalização, uma vez que, as informações transmitidas chegam até nós, em um volume intenso, fazendo com que nossos alunos tenham cada vez mais informações a sua disposição, através da internet, da televisão, do vídeo, do rádio, do celular, etc.

O que percebemos na pesquisa e que ficou marcado no capítulo anterior foi o descaso dos professores entrevistados quanto ao uso dessa modernização, principalmente no que tange ao uso da TV Escola no processo de aprendizagem dos alunos. É preciso e indispensável mesmo, que esses professores atuantes numa prática educativa alienante se desnudem dela para que possam, metodicamente, exercitar a curiosidade e a capacidade crítica de seus alunos num verdadeiro *feedback*, onde a construção do conhecimento tenha a possibilidade de acontecer de veras.

A pesquisa, realmente, não deixa margem a dúvidas quanto à prática educativa errônea dos professores entrevistados na perspectiva da teoria analisada e do autor do trabalho. Todavia, Ceccon, Oliveira & Oliveira (2007), advertem-nos sobre a necessidade de assumir uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização. O que não acontece com os professores entrevistados, pois se utilizam de uma pseudo prática educativa que não associa os conhecimentos que os alunos têm e/ou adquirem com a TV e o vídeo na sala ambiente da TV Escola com os conteúdos curriculares, formando seres “alienados e inautênticos”.

O grande desafio é fazer com que o professor além de conhecer o Programa TV Escola em sua totalidade, experimente as possibilidades da TV e do vídeo no desenvolvimento de atividades curriculares, bem como em sua

formação continuada. Explorando os vídeos existentes na videoteca do Programa na escola e utilizando-os para diversas funções e em situações distintas, estreitando, assim, uma vinculação direta entre os conteúdos curriculares com a TV e o vídeo, pois, segundo Carneiro (2006, p. 46), “[...] utilizam-se programas (ou trechos de programas) como estratégia pedagógica para motivar aprendizados, suscitar interesses, problematizar conteúdos, informar”.

Nesse contexto, é importante que o professor disponha de uma prática educativa que realmente seja motivadora do aprendizado em sala de aula, porque,

a integração das tecnologias de TV e vídeo ao processo de ensino-aprendizagem requer do professor desempenhar nova função – a de protagonista dessa integração. Cabe-lhe preparar-se para mediar a cultura televisiva e as necessidades de desenvolvimento cognitivas, sociais e emocionais dos alunos. (CARNEIRO, 2006, p. 08)

É notório na pesquisa que esse tipo de integração não é desempenhado pelos professores entrevistados e, por trabalharem há cerca de mais de 30 anos na profissão ainda estão arraigados numa concepção tradicionalista, onde apenas depositam o que sabem aos alunos. Isso fica explícito na fala do professor B com cerca de 40 anos de experiência como professor, quando ele diz: “- Eu sempre trabalhei dessa forma durante anos e sempre deu certo! Então, pra que ou por que eu tenho que mudar o que faço, né?”

A ação deste profissional está inserida na concepção bancária da educação que rechaça o crescimento intelectual contínuo e o desenvolvimento do pensar crítico e criativo não somente dos educandos, mas, sobretudo, dos próprios profissionais em sua autoformação. Vale destacar, que o importante é saber que

No momento em que o educador “bancário” vivesse a superação da contradição já não seria “bancário”. Já não faria depósitos. Já não tentaria domesticar. Já não prescreveria [...]. Já não estaria a serviço

da desumanização. A serviço da opressão, mas a serviço da libertação. (FREIRE, 2006b, p. 62)

Superar essa forma de executar e conviver com uma prática educativa que inibe a curiosidade e a criticidade dos alunos com a utilização da TV e do vídeo, representa uma mudança no exercício da integração dessas mídias com os conteúdos curriculares, pois elas não apenas qualificam os professores em sua formação continuada como contribuem para o desenvolvimento de atividades curriculares em diferentes áreas do conhecimento, possibilitando aos alunos novas formas de aprender.

[...] Integrar significa aproximar-se da cultura daquele que aprende, com a emoção, com as imagens do mundo real, e utilizar essa motivação emocional na aprendizagem escolar. Essa função vale-se da característica emotiva da TV e do vídeo para motivar alunos, para problematizar conteúdos. Sua incorporação representa uma concepção mais ampla da educação, que inclui outras dimensões além da cognitiva. (CARNEIRO, 2006, p. 54)

Usar a TV e o vídeo como recurso didático em sala de aula na formação de cidadãos críticos é uma exigência educacional que precisa de comprometimento, principalmente dos professores, protagonistas da integração entre essas mídias com os componentes curriculares em sala de aula. Nesse sentido,

[...] a escola precisaria deixar de ser meramente uma agência transmissora de informação e transformar-se num lugar de análises críticas e produção da informação, onde o conhecimento possibilita a atribuição de significados à informação. Nessa escola, os alunos aprendem a buscar a informação (nas aulas, no livro didático, na TV, no rádio, nos vídeos, no computador, etc.) [...]. (LIBÂNEO, 2005, p. 26)

Concomitantemente, a essa transformação da escola deve está imbuída – ou pelo menos deveria estar – a formação continuada do professor,

[...] uma formação que ajude o aluno a transformar-se num sujeito pensante, de modo que aprenda a utilizar seu potencial de pensamento por meio de meios cognitivos de construção e reconstrução de conceitos, atitude e valores. (LIBÂNEO, 2005, p. 30)

Para isso, se faz necessário que o professor busque, também, capacitações acerca de como utilizar as novas tecnologias no cotidiano escolar, como a TV e o vídeo, usando-os de forma planejada e criativa, onde ele deve perceber quais os vídeos adequados nas ocasiões em que for para a sala ambiente da TV Escola, pois com essas ferramentas disponibilizadas pelo Programa, a forma de ensinar e aprender podem ser facilmente ampliados, dependendo da inovação na prática educativa que o professor fizer.

Segundo Melo & Tosta (2008, p.63), “[...] introduzir no cotidiano da escola as linguagens das mídias e os temas por elas difundidos como objeto de estudo e reflexão [...]”, requer constante formação dos professores, bem como inovações em sua maneira de ensinar.

Ao finalizar a entrevista, conversando com cada professor, principalmente os mais antigos na profissão, ficaram pensativos nas questões abordadas na entrevista e em sua prática educativa cotidiana e, de forma sincera me asseguraram uma mudança em suas ações pedagógicas (obsoletas) por outra que atenda, necessariamente, o desenvolvimento crítico, autônomo e democrático de seus alunos.

Dizia um deles (o professor A):

- Essa mudança não será radicalmente, mas aos poucos tomaremos conhecimento parcial e/ou total do Programa TV Escola para, posteriormente, trabalhar através das experiências de vida dos nossos alunos em consonância com o vídeo assistido, devidamente planejado de forma interdisciplinar com os conteúdos curriculares.

Mesmo diante dessa afirmativa, alguns professores questionavam: “- será mesmo que vai funcionar?”. Percebe-se, nesse contexto, que ainda existem dúvidas quanto à utilização da TV e do vídeo no processo de

aprendizagem. Enquanto o professor não buscar promover estratégias de ensino, bem como sua autoformação, sua atitude diante das inovações será de dúvidas. “É preciso, portanto, que os professores modifiquem suas atitudes diante dos meios de comunicação, sob risco de serem engolidos por eles”, afirma Libâneo (2005, p. 41).

Eis o desafio de educar essa nova geração, com a televisão e o vídeo na sala de aula, pois eles possibilitam as polêmicas, as motivações e as informações. Por assim acreditarmos na inserção do uso da TV e do vídeo, em meio a tantas outras novas tecnologias, é que propomos uma reflexão aos professores, quanto à sua prática e de como eles têm utilizado essas mídias no cotidiano escolar com atividades diversificadas complementando, de forma interdisciplinar, o currículo básico, bem como a produção do conhecimento de alunos.

[...] os educadores escolares precisam “aprender a pensar e a praticar comunicações midiáticas” como requisito para a formação da cidadania. Não basta que os professores disponham, na escola, dos meios de comunicação ou apenas saberem usá-los. É preciso que aprendam a elaborar e a intervir no processo comunicacional que se realiza entre professores e alunos por meio de mídias. (LIBÂNEO, 2005, p. 71)

Diante dos fatos acima relacionados, o uso da TV e do vídeo no contexto escolar, vem aproximar à sala de aula a realidade tecnológica. A TV e o vídeo são meios tecnológicos que nos permite experienciar sensações do e com o outro, do e com o mundo e de nós mesmos, através de nossas experiências de vida. Portanto, se faz necessário utilizá-los nos ambientes educacionais onde se propõe fazer o diferencial nas atividades diversificadas com uma prática educativa mais (re) flexiva.

Nessa perspectiva, o objetivo do trabalho educativo torna-se o de transformar a informação midiática em conhecimento de conteúdo educacional e social e de interesse para gestores, professores, alunos e o entorno da escola. Ao usar meios e suportes diversificados, o professor pode contribuir para a constituição de

sujeitos aptos a interagir com o mundo e a assumir posições comprometidas com a transformação social. (MELO & TOSTA, 2008, p. 61)

Vale ressaltar, que como recurso didático a TV e o vídeo, trazem importantes contribuições para o ensino. Existe uma variedade de programas que o professor pode planejar e executar na sala ambiente da TV Escola, relacionando-os com os conteúdos curriculares em sala de aula, como: desenhos animados, vídeos da Internet, comerciais, programas da TV Escola, propagandas, informativos, produções (vídeos, reportagens, documentários) realizadas pelos próprios alunos na escola.

Além dessa gama de sugestões citadas acima, outros mais precisam ser considerados na utilização da TV e do vídeo em sala de aula. Vale lembrar, também, que formas inadequadas (apassivadoras e alienantes), podem causar transtornos e descaracterizar seu uso, comprometendo o trabalho do professor, bem como o processo de aprendizagem dos alunos. Por isso que,

[...] educação e mídia são campos originais, abrangentes e interdisciplinares, que muitas vezes tendem, equivocadamente, a reduzir à sua lógica e perspectiva todas as outras. Por isso mesmo, é necessário, pela aprendizagem, pesquisa e experimentação sistemática, adentrar nas totalidades e remodelar ângulos e novos pontos de observação. (MELO & TOSTA, 2008, pp. 56 e 57)

Tanto a TV como o vídeo, se bem empregados pelo professor, enriquecem a aula e o ambiente escolar e proporcionam uma aprendizagem mais significativa. Não podemos deixar mais que aconteça o que o professor B disse na entrevista, que a TV Escola é um momento de lazer dos alunos. Nesse contexto, Moran (2012), aponta algumas formas inadequadas de uso da TV/vídeo na sala ambiente da TV Escola, tais como: vídeo-tapa-buraco, vídeo-enrolação, vídeo deslumbramento, vídeo perfeição, só vídeo. Mas,

[...] se temos a pretensão de formar cidadãos críticos, urge entender os mecanismos de organização, planejamento, produção e regulação da mídia, pela via crítica adorniana ou outras, de modo a sermos permanentemente educados para ler, selecionar, criticar, refutar, ressignificar o mundo e nos construirmos como sujeitos autônomos, competentes do ponto de vista técnico, político e ético. (MELO & TOSTA, 2008, p. 56)

A contribuição que o vídeo e a televisão podem trazer a escola é enorme, mas não podemos esquecer que outras mídias mais avançadas ainda possibilitam também a interatividade e envolvem o aluno cada vez mais no mundo globalizado, como o computador. Por isso, TV e vídeo devem ser considerados como mídias favoráveis para construção do conhecimento e desenvolvimento da cultura midiática. Nesse sentido, a escola tem um papel fundamental na utilização da televisão e do vídeo: alfabetizar visualmente os alunos, ensinando-os a ler criticamente as imagens televisivas e/ou vídeos para, posteriormente, saber utilizá-las ao seu favor.

Se soubermos utilizar de forma adequada a televisão e o vídeo na escola, esse recurso certamente irá auxiliar o professor na inovação de sua prática educativa, a partir de sua formação continuada, bem como na mudança da postura de ser e de agir do aluno diante do e com o mundo, levando-o a refletir, analisar e agir em relação a sua própria vida, a de seus semelhantes, e as diversas situações e experiências da vida cotidiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre esse estudo é uma importante tarefa quando buscamos formar cidadãos críticos e autônomos, pois nos propicia a incentivar o uso das tecnologias (como a TV e vídeo, por exemplo), e ao mesmo tempo, não permitir que o conhecimento seja construído de forma fragmentado, supérfluo e vazio, como assevera Melo & Tosta (2008), pois isso é um dos desafios da educação de hoje.

Os avanços tecnológicos emergem para aprendermos a conviver com eles e a usá-los em prol das nossas ações educativas, mas se não tivermos todo o conhecimento para manipulá-los corretamente, seremos, certamente, engolidos por eles. Esse fato permeia, principalmente nos espaços escolares, onde dispomos dessas tecnologias, mas na maioria das vezes, não sabemos utilizá-las como ferramenta pedagógica, capaz de possibilitar novas experiências pedagógicas.

Percebemos também que a maioria dos profissionais da educação não tem preparo adequado para utilizar as tecnologias, pelo menos as mais simples como a TV e o vídeo. Muitos alegam despreparo e falta de capacitação. Mas, não podemos mais pensar em educação de qualidade, sem que as novas tecnologias estejam colocadas lado a lado. Portanto, almejamos que a escola leve o aluno a interagir com essa variedade de alternativas que as tecnologias nos proporcionam, caso em sua prática o uso da TV Escola seja uma constante.

Nesse contexto, a escola deve assumir esse novo desafio da era midiática, possibilitando novos conhecimentos e permitindo que seus alunos tenham chances de participar de maneira crítica, autônoma e democrática no processo de ensino-aprendizagem. A interação dessas mídias em sala de aula deve favorecer na construção do conhecimento, pois, através desses instrumentos que atraem a atenção dos alunos, o professor pode promover uma aprendizagem mais significativa, bem como buscar sua formação

continuada, inovando sua prática educativa e proporcionando ao aluno uma visão crítica da realidade em que está inserido.

Mas, o que pensar de uma prática educativa que metodicamente deposita conhecimento na cabeça dos alunos, que transgride os princípios norteadores da educação, como o de “educar para a vida”? Por vezes, até de forma arrogante, essa vida, principalmente dos educandos, pouco interessa para os professores que supostamente se julgam os “donos da verdade”. Educar para a vida é a função de uma escola comprometida com o crescimento intelectual e o desenvolvimento crítico, autônomo e democrático dos alunos. Mas o que percebemos é o desrespeito com a leitura de mundo dos educandos, tornando a sala ambiente da TV Escola um lugar sem significado sócioeducativo.

Segundo Freire (2006d, p. 23), “ensinar inexistente sem aprender e vice-versa”, por conseguinte, é preciso que saibamos que o professor nunca foi nem será o “dono da verdade”, “o que sabe tudo”. Sua experiência deve ser enriquecedora do ponto de vista do próprio conhecimento intelectual e profissional, lapidada, permanentemente, na medida em que se propõe a estimular o desenvolvimento da consciência crítica, autônoma e democrática dos educandos, pois de acordo com o mesmo autor, o ensinamento não se dá pela transferência do conhecimento, mas, sobretudo, pela sua possibilidade própria de produção e/ou construção.

As principais dificuldades dos professores, quanto ao uso da TV Escola, é a falta de um planejamento adequado, pois a prática educativa dos professores pesquisados no que tange à utilização da sala ambiente da TV Escola no processo de aprendizagem não está levando em consideração o desenvolvimento dessa consciência crítica, autônoma e democrática de seus alunos. Portanto, esses profissionais precisam rever sua formação inicial, sobretudo buscar sua formação continuada para mudar, analisar e dinamizar seu ambiente de trabalho, tornando-o um espaço de reflexão e inovação de sua prática educativa.

Articular os conteúdos curriculares com o uso da TV Escola é o momento que o professor tem de desenvolver a curiosidade, tornando sua aula mais participativa e produtiva, mas se esse professor utiliza uma prática de ensino antiquária, obsoleta e/ou retrógrada, pode está levando ao declínio nossa educação, bem como o processo de ensino-aprendizagem em que ela acontece. Observando por esse ângulo de visão, a utilização da TV e do vídeo precisa se adequar as mudanças e as demandas sociais, preparando esses sujeitos (alunos), para serem os agentes dominadores das transformações e não apenas se enquadrar a elas.

Para compreender a função e os objetivos da TV Escola no processo de aprendizagem é preciso saber como os recursos audiovisuais (como a TV e o vídeo) estão sendo utilizados na escola. A observação da prática docente e principalmente os direcionamentos pedagógicos envolvendo essas mídias, é fundamental para verificar se os profissionais da educação estão com o olhar voltado para a formação ampla e crítica dos educandos. Ferrés & Baccega (1998, p. 10), asseveram que

O professor que reluta em usar maneiras mais sintonizadas com as mudanças contemporâneas, o faz porque vive em uma instituição que se auto-protege, alegando, muitas vezes motivos de ordem cultural não percebendo, portanto, as contradições que sua atitude encerra.

O trabalho com esse Programa, a princípio, assusta alguns professores por vários motivos: medo do desafio, medo do novo, falta de prática em manusear os equipamentos tecnológicos, falta de compromisso e até por acreditar que precisa de formação específica. Mas não é necessário nada disso. Para um bom trabalho com esse tipo de mídia na sala ambiente da TV Escola, o educador precisa ter disponibilidade para um bom planejamento, bem como analisar criticamente o vídeo que irá repassar para seus educandos assistirem, participando assim, de forma ativa na construção do processo de aprendizagem de seus alunos em um processo de convivência e conhecimento mútuo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, Vera Maria. (org.). **Rumo a uma nova didática**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darci de; OLIVEIRA, Rosika Darci. **A vida na escola e a escola da vida**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

CORTELLA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento: Fundamentos epistemológicos e políticos**. 14ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FERRÉS, Joan; BACCEGA, Maria Aparecida. **Pedagogia dos meios audiovisuais e pedagogia com os meios audiovisuais**. In: SANCHO, Juana M. Para uma tecnologia educacional. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FIORENTINI, Leda Maria Rangel; CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão (org.). **TV na escola e os desafios de hoje: Curso de extensão para Professores do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública**. UniRede e Seed/Mec. 6ª Ed. Revisada Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006. vl.1, 2 e 3.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 30 Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006a.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 45 Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006b.

_____. **Educação e Mudança**. 30 Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006c.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 35 Ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2006d.

_____. **A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam**. 50 Ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Ação cultural para liberdade e outros escritos**. 15 Ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____; GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre Educação: Diálogos**. 10 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIESTA, Nágila Caporlândia. **Cotidiano Escolar e Formação Reflexiva do Professor: Moda ou valorização do saber docente?** Araraquara – SP: JM Editora, 2004.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Mídia educação e cidadania: Tudo o que você deve saber sobre a mídia**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

JÚNIOR, João Francisco Duarte. **O que é realidade**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 2005. Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: Teorias da educação, curvatura da vara, onze teses da educação e política**. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2008.

SITIOGRAFIA:

Desafios da televisão e do vídeo à escola. Acesso em 18 jun 2012. Disponível em jmmoran@usp.br.

Educação para a sociedade da informação, Livro Verde. Brasília: MCT, versão preliminar, 2000, cap. 5. Disponível em: Acesso em 18 jun. 2012.

MORAN, José Manuel. Desafios da televisão e o vídeo à escola. Texto de apoio ao programa Salto para o Futuro da TV Escola no módulo TV na Escola e os Desafios de Hoje. Disponível em <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/> Acesso em 18 jun. 2012

SANTOS, Adriana Soares Lourenço dos. O uso do Vídeo na Escola de Tempo Integral Pesquisa sobre o uso do vídeo nas escolas de tempo integral do município de Rio do Sul - SC. (2010) Disponível em: Acesso em: 18 jun.2012.

ANEXO 1

(Instrumentos de coleta: roteiro de observação e de entrevista)



Universidade Federal do Amapá
Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa
Curso de Mídias na Educação
Especialização em Mídias na Educação

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DA PRÁXIS DOS PROFESSORES

1. Plano de Aula – (objetivos da aula, conteúdos trabalhados);
2. Metodologias de ensino – (quais as formas utilizadas para tornar a aula mais dinâmica, participativa e produtiva, e quais abordagens pedagógicas os métodos e técnicas são trabalhados);
3. Relação do conteúdo curricular com o vídeo assistido na sala ambiente da TV Escola – (se há paralelismo entre os conteúdos curriculares em consonância com a utilização da TV e do vídeo);
4. Compromisso com o aprendizado – (se ensina comprometido com construção de cidadãos críticos ou se se exime dessa responsabilidade);
5. Relacionamento professor / aluno – interação – (tipo de relação existente entre alunos e professor; se é cordial, tensa, formal, informal, permissiva, etc.; se o professor respeita os conhecimentos prévios dos alunos, etc.);
6. Características dos alunos – (faixa etária, número de alunos por turma, nível de interesse, atitudes, comportamentos evidenciados, etc.);
7. Recursos didáticos utilizados – (quais recursos que usam com frequência, que importância dão aos recursos audiovisuais como a TV e o vídeo);
8. Utilização da sala ambiente da TV Escola – (em que situações é utilizada a sala e qual importância dada a esta).



Universidade Federal do Amapá
Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa
Curso de Mídias na Educação
Especialização em Mídias na Educação

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES

Objetivando a eficácia do projeto intitulado **TV ESCOLA: sua função e objetivos no processo de aprendizagem dos alunos**, se faz necessário que os professores participantes contribuam com críticas e análises (ao responderem ao questionário abaixo) para que juntos possamos construir novos caminhos no processo ensino-aprendizagem.

1. Você conhece o Programa TV Escola? Como você o conceitua?

2. Você já usou a TV Escola? De que maneira utilizou algum recurso didático do Programa?

3. Você conhece e utiliza o acervo de CD's e DVD's existentes na sala ambiente da TV Escola da instituição em que você atua?

4. Quais as metodologias que você trabalha ao utilizar a TV Escola?

5. Como você relaciona o conteúdo curricular com os programas da TV Escola?

6. Quais as principais dificuldades que você tem ao utilizar a TV Escola como recurso didático?

7. Quais oportunidades são dadas aos alunos para trabalharem os conhecimentos adquiridos com a utilização de algum vídeo da TV escola?

8. Qual a contribuição que a TV Escola possibilita em sua prática educativa?

ANEXO 2

(fotos da escola pesquisada)

ESCOLA PESQUISADA



Fig. 1

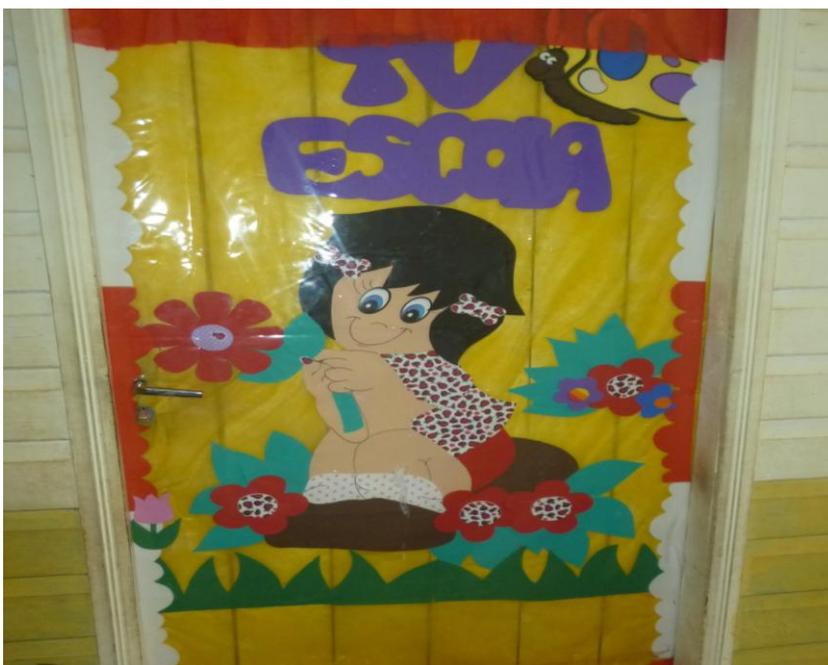


Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4



Fig. 5



Fig.6

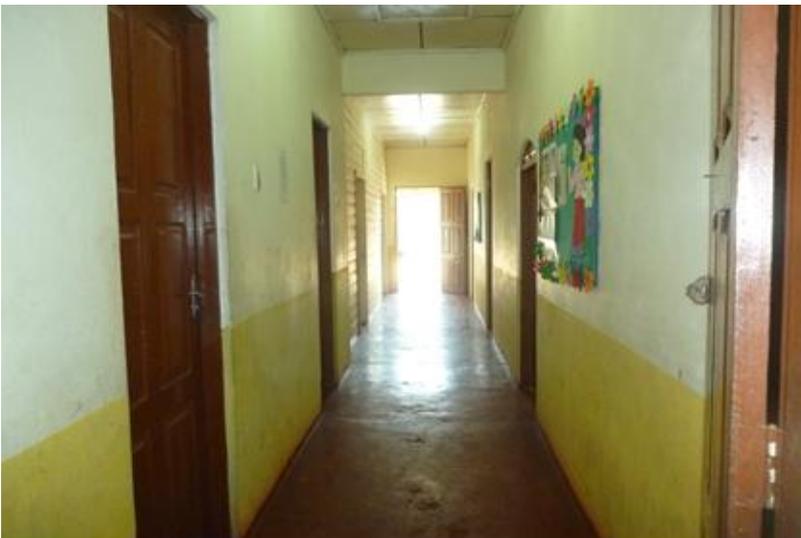


Fig. 7



Fig.8

